Ana Lima

Colaboradores

Diagramação: Ana Carolina Lima

Capa: Ana Lima

Revisão: Ana Lima

Agradecimentos

Agradeço em primeiro lugar a Deus, que me capacitou para tudo em minha vida. Em segundo lugar, às minhas irmãs, Francisca, Cícera, Rosangela e Josefa, que me incentivaram a escrever nossa história de vida, ressaltando os tempos vividos por nossos pais.

Sobre a Autora

Ana Lima, nascida no nordeste brasileiro, filha de Sebastião Fernandes da Silva e Edite Leite Lima, passou quase toda sua vida no Distrito Federal. Estudou, trabalhou, casou-se, tendo dois filhos e três netas. Após deixar a vida profissional, dedicou-se à vida cristã, aos estudos e à escrita. Tem publicado o livro de caráter religioso - Temas Espirituais de Ontem para os Dias de Hoje, e outros escritos à disposição de Editoras. Concluiu o terceiro grau, graduando-se em pedagogia e pós graduando-se em Docência Superior. Dedica-se à leitura da Bíblia, livros didáticos, romances, histórias infantis, atualidades através de jornais escritos e televisivos.

Sinopse

A história de vida real de uma família nordestina, em busca de dias melhores para sua família, vem à tona em dias de tribulação, adversidades políticas e entre famílias. O fato inicia-se com as lembranças de uma das filhas do casal, sobre a morte do patriarca, passando a descrever o inicio de vida e a constituição familiar, afetos e desafetos, processos políticos pelo qual passou o casal com sua família. Idas e vindas à trilha da vida, com dificuldades e muralhas vencidas a cada dia. A saga de uma família cujos pais enfrentam todo tipo de obstáculo, mesmo assim, não permitindo que as dificuldades apresentadas influenciem na vida de seus filhos. A história tem seu início no interior do nordeste, vindo até a Capital Federal, onde a matriarca ao lado de suas filhas, já casadas, ainda se encontra, revivendo os momentos vividos e enfrentando as saudades de entes queridos e os problemas causados pela velhice. É a verdade da família em mistura com a história da política no Brasil em tempo de mudanças. Fatos baseados na vida real, enaltecidos por fatos que marcaram a política brasileira.

É interessante ler este livro, pois nele se retrata a vida de quase toda família brasileira, principalmente nordestina, que se desloca de sua terra natal em busca de realizar seus sonhos em outras cidades; buscando uma vida melhor e que seja cheia de oportunidade para a formação e transformação de vida de cada integrante de seus familiares. A luta do dia-a-dia, as batalhas vencidas, a família crescendo sem muitas perspectivas. As críticas, o preconceito vivido, o medo de enfrentar o novo, a política, as diferenças sociais, são fatos vivenciados por quase todos os brasileiros no seu cotidiano.

A autora

Índice

Capítulo I	- Lembranças	p. 13
Capítulo II	- No túnel do tempo	p. 21
Capítulo III	- Histórias de Sebastiãozinho	p. 87
Capítulo IV	- Novos Sonhos Novos Rumos	p. 107
Capítulo V	- A Caminho do Sol	p.141
Capítulo VI	- Uma Grande Luta na História da Vida	p.175
Capítulo VII	- Primeiro Amor não se esquece	p.195
Capitulo VIII	- Uma política que marcou a Família	p.225
Capítulo IX	- Controle e repressão na política Brasileira	p.265
Capítulo X	- Conhecendo Presidentes do Período Militar no Brasil	p.279
Capítulo XI	- Breve histórico sobre a Nova República	p.303
Palavras em destaques nos textos		p.316
Curiosidade sobre a construção de Brasília		p.327
Receitas do Vô Sebastião Mugunzá		p.332
Fontes de Pesquisa		p.336

Capítulo I

Lembranças

Lembranças

É inverno e, o friozinho bate nas minhas costas como se tivesse mãos. Não sei há quanto tempo estou aqui sentada no velho banco de madeira, na pracinha, conhecida como Praça das Artes, criada para que os artistas locais possam extravasar seus anseios, suas imaginações e criações. Do outro lado, pode ser vista a torre da igreja no centro da cidade. Que contraste, pode os meus olhos contemplar, entre o passado e o presente.

Fechando os olhos viajo até 1996, ainda na cidade do Guará. Em minha mente vejo crianças brincando na praça, idosos trocando ideias, jovens casais trocando juras de amor. O velho pipoqueiro chamando a atenção com aquele cheirinho gostoso da pipoca, quentinha. É como se o tempo não tivesse atravessado esses longos dezessete anos.

Na Minha imaginação, as árvores da praça, os ipês floridos, lembram um enorme buquê de flores. Mantenho-me assim, sentada e envolta nas dolorosas lembranças.

Ainda ouço o sino da igreja, tocar tristemente. São onze horas da manha do dia vinte de agosto de 1996. As badaladas do sino indicam que alguém se foi para o outro lado da vida. O velório, autorizado pelo pároco local está sendo realizado desde a noite anterior. Sinto as lágrimas salgadas rolarem no meu rosto e lábios. É uma sensação tão estranha, o peito apertado e a garganta rompe em soluços. Como num filme de terror, as últimas horas vividas por papai, saltam para fora de minha mente e a dor aumenta cada vez mais.

Há alguns anos ele vinha lutando contra a doença diagnosticada pelos médicos. Com o coração já dilatado, o diabetes descontrolado. Quando tivemos noticias da enfermidade de papai ficamos paralisados, não querendo acreditar naquela notícia dolorosa. Minha mãe também apresentando problemas de saúde. A partir daí, os dias passaram a serem diferentes para todas nós. Tudo era feito para amenizar o sofrimento da família, a dor que papai sentia, e a dor de nossas almas.

Dia a dia, sabíamos que, estávamos mais perto do dia em que certamente Deus levaria papai para longe do nosso convívio.

Os amigos e somente alguns parentes, nos visitavam, e de vez em quando. Nossa mãe, apesar de seu fraco estado de saúde, dedicava seu tempo, quase que exclusivo, aos cuidados de papai.

Ás vezes, eu já morando em Cuiabá, quando estava a caminho de casa, após o trabalho, parava embaixo de uma árvore que ficava à beira do caminho, e olhava para o céu, como que em busca de ajuda, de socorro. Mas, não conseguia compreender porque isto estava acontecendo com meu pai, homem forte, sempre disposto a ajudar a quem o procurava. Homem trabalhador, amoroso. Sua vida era cuidar da família e se preocupar com vizinhos, amigos e parentes que o procuravam. Era um bom sapateiro, e bem conhecido na cidade em que morava.

Sebastião era filho de nordestinos, do sertão da Paraíba, nascido e criado sob a forte mão sertaneja, não conhecia a palavra “derrota”. Empenhava-se para conseguir superar todas as barreiras que a vida colocava em seu caminho. Apesar da pequena estatura, se via assim, como homem forte, e assim se sentia. A tudo superava, buscando

dar o melhor de si para a família, aos que conhecia, e aos que não conhecia, usava de solidariedade e compaixão.

Mesmo com a doença avançada, o que lhe causava imensa tristeza, conseguia levar a alegria a quem necessitava de ajuda. Era ao mendigo, ao sem teto, que dava alimento e palavras de conforto. À criança faminta e sedenta, conseguia amenizar seu sofrimento. Se tivesse condições, certamente daria um teto a cada pessoa que encontrasse ao relento. Aos parentes que vinham do nordeste, dava abrigo e alimentação, até que se estabilizassem.

Homem sem letra, como se dizia antigamente, mas que abundava em sabedoria, e nada o impedia de fazer o bem, a quem quer que seja. Não era letrado, mas sabia fazer a leitura de mundo, o mundo que o rodeava. Seus olhos, espertos, passeavam atentamente por onde passava. A quem dele se aproximava, sentia-se desnuda através do seu olhar. Homem sábio e corajoso, sempre disposto a vencer. Vencer a fome, o cansaço, a vida precária e todas as dificuldades que eram apresentadas na sua jornada a caminho do sol.



Família Leite Lima - 2008

Capítulo II

No túnel do tempo

O início de tudo... nasce a vida

É sete de setembro de 1919. No quarto do casal Paulina Leite de Oliveira e Francisco Leite Lima, às primeiras horas da manhã, “seu Chico Lima”, como é conhecido na pequena cidade de Quitaíus, município de Lavras da Mangabeira, no Ceará, é despertado pelos gemidos da esposa que se encontra já em trabalho de parto. Às pressas levanta-se, e mesmo sem tomar um cafezinho sequer, apronta de imediato o cavalo, e vai a disparada até a “rua”, é assim que as pessoas residentes em sítios e roças chamam o centro da cidade, ver se a parteira que atendia as mulheres da localidade estava à disposição.

Ao chegar à “rua”, ainda escuro do dia, encontrou um primo seu que ia para a lida na roça. Este o ajudou a ir até a casa da parteira, que prontamente o atendeu. Arrumando o necessário, colocando em uma sacola, como sempre faz em casos urgentes, montou na garupa do cavalo do Seu Chico, que retornou apressando para a casa na Tapera.

Como é de costume em quase todos os sítios, à noite, os fogões à lenha ficam com brasas acesas, e panelas com água sobre as trempes. Isto facilitou um pouco o trabalho inicial da parteira, que necessitava de água quente e panos limpos. Foi chegando e abrindo a sacola que portava, tirando dali tesoura, e outros objetos que poderiam ser necessários naquele momento. Pedindo uma bacia com água quente e panos limpos, pediu ao seu Chico que esperasse lá fora.

Á essa hora, toda família já estava de pé e avisada do que estava acontecendo. Pai Felipe, Mãe Tuna com mais alguns parentes já estava apostos na velha casa da Tapera. Enquanto a parteira orientava Paulina e ajudava nos primeiros momentos, o restante da família já se encontrava a comemorar, tomando café, leite fresco colhido no curral e comendo cuscuz.

O tempo foi passando e nada de a parteira aparecer, somente gemidos fortes vindo do quarto que ficava ao lado da grande sala. Paulina, sofrendo com as contrações, respirava fundo e fazia o que lhe era ordenado pela parteira, para que a criança viesse a sair sem sofrer muito. Após mais de uma hora

de espera e nervosismo de todos, ouviu-se um choro de criança. Paulina, suada, cansada, quase adormecendo podia sentir em seus braços aquela pequena criatura que ainda se encontrava com os olhinhos fechados.

Após o corte do cordão umbilical, a parteira amarrando uma linha ao pedaço do umbigo da criança, orientou que por sete dias nada pusesse em cima, para não ter futuros problemas. Enrolando a criança em um lençol limpo, abriu a porta do quarto, chamando o pai para ver aquele pequenino ser. Seu Chico Lima, tão nervoso que estava, ia fumando um charuto atrás do outro, foi todo sorridente mostrar a sua cria para a parentela, no que foi chamada a atenção pela parteira:

- A criança e a muié num deve de sair do quarto, antes de completar sete dias, é perigoso para a criança, pode pegar o mal de sete dias, doença que mata os recém-nascidos.

No que foi obedecida, além da dieta passada.

- São quarenta dias sem sai à rua, nem deixar muita gente pegar a criança. Muito mal olhado pode vir, e aí a coisa fica feia. Prá muié, canja de galinha, cuscuz de milho verde, muita água fresca, pra ter bastante leite.

Seu Chico Lima, feliz estava pelo nascimento da filha. Queria um homem, como dizia, mas Deus não quis:

- Devia de ser homi, parrudo, mas tá bão por demais.

A família comemorou o nascimento da pequena que foi batizada com o nome de Edite. Cresceu na casa da Tapera, e de vez em quando ia à “rua” acompanhando a mãe, ou mesmo o pai. Foram nascendo outros filhos e a família foi crescendo. Idelfonso, José Lima, Alberto Lima, Gilza, Marli, Maria do Céu, Raimundo, Luiz e Antônia, chamada de Toinha. Não estão em ordem de nascimento, mas o importante é que o sonho de Chico Lima estava sendo realizado. Uma família grande, feliz e que ajudava na labuta na roça.

A infância de Edite foi entre as crianças da Tapera, e vez ou outra conhecendo crianças que moravam na “rua”. Aos sete anos de idade, observando dona Paulina, sua mãe, que gostava de fumar um cachimbo, experimentou às escondidas, e gostou. A partir daí não deixou mais o tal cachimbo. Quando foi descoberta pelos pais já era tarde. Estava acostumada com o danado, só não sabia tragar. Adolescente aprendeu os

afazeres domésticos, bordar, costurar se tornando uma moça pronta para o lar.

Ao atingir a mocidade, apresentou-se vaidosa, gostando do rouge, do batom e dos frisados nos cabelos. Quando não tinha o pó para embelezar o rosto, usava a água de arroz. Era assim que fazia: Deixava um punhado de arroz dentro de uma vasilha com água da noite para o outro dia. Escorria o arroz, deixando no fundo da vasilha uma pequena massa branca, que deixava secar para passar no rosto. Assim, o rosto ficava macio e pronto para passar o rouge. Quando não dava para fazer o arroz, usava bunina, uma planta quem tem em suas flores, uns carocinhos pretos, parecidos com pimenta do reino, e que dentro tem um pó branco e macio.

Gostava de ir sempre à “rua” visitar as amigas e fazer novas amizades, para isso ia constantemente à casa de uma tia, Cremilda, casada com um senhor, conhecido como “Seu Dé”. A tia era costureira, e assim Edite aproveitava e se aperfeiçoava no oficio da costura.

Quando Edite contava com dois anos de idade, em outro estado, no dia nove de agosto de 1921, nascia e nos

mesmos moldes de Edite, com ajuda de parteira, um lindo menino, olhos azuis, pele branca e com ar de que seria muito sapeca. Seu nome foi dado pelo pai, seu Francisco. Sebastião, filho de Francisco Fernandes da Silva e Francisca Maria da Conceição. Moravam em Catolé do Rocha na Paraíba.

O menino cresceu trabalhando na roça com os pais, assim como seus outros irmãos. Na lavoura, e em casa, no pilão de arroz, torrando café e moendo. Não teve oportunidade de estudar, pois a família era a prioridade.

Tornou-se um jovem galanteador, criativo e cheio de humor. Sonhos não lhe faltavam na cabeça. Como a garça, queria alçar voo alto, mas suas asas ainda eram curtas.

Chegando a idade de servir à pátria, o fez com muita dedicação, esperando que logo passasse o tempo, para que fosse a busca do que seu coração queria. Aventurar-se para outros lugares, buscar o amor que o tornaria homem completo.

Edite ainda criança teve a oportunidade de aprender as primeiras letras, o que seria de grande ajuda na caminhada da vida.

Não estudou por mais tempo, porque a famílias nordestinas, como acontece ainda nos dias de hoje, tiram os filhos da escola para ajudar nos afazeres domésticos ou mesmo para o trabalho, com intuito de ajudar nas despesas da casa.

Assim cresceram Edite e Sebastião, em lugares diferentes, sem jamais imaginar que um dia iriam se encontrar e formar uma grande família.

Êxodo em busca do seu sol

Voltando um pouco mais no tempo, ano de 1944, como em um filme ao ser rebobinado, estamos vendo um jovem sonhador saindo de sua cidade natal em busca de trabalho e à procura de um amor. Amor que o ajude a caminhar rumo ao sol, que imagina brilhar muito mais em algum outro lugar. É uma vida que está começando a se descobrir como homem, sonhando encontrar o “outro pedaço”, a sua outra metade. Que ao se completarem se tornam um.

Era tarde de domingo, ele decidiu deixar sua parentela para trás, na pequena cidade de Catolé do Rocha, na Paraíba. Pegando um “pau de arara”, nome dado aos caminhões que levam os sertanejos aos seus sonhos em outras cidades, vai levando a pequena bagagem, poucas roupas, um chapéu de couro, e muito sonho em seu coração. A poeira toma conta do caminho por onde passam. O destino é Quitaíus município de Lavras de Mangabeira no Estado do Ceará.

A viagem é turbulenta, a estrada cheia de costelas, que fazem o velho caminhão trepidar, chegando mesmo a causar tonteira em quem não está acostumado a esse tipo de viagem. Os pensamentos fervem na cabeça do jovem rapaz, sonhador, matreiro e cheio de sonhos. A viagem é cansativa, mas o sonho é maior que qualquer dificuldade.



Pau de arara – usado pelos nordestinos e peregrinos no nordeste do Brasil.

Passa-se o tempo, avista-se a entrada da cidade de destino a poucas léguas.

É quase chegada a hora em que os passageiros deveriam apear, e irem cada um ao seu destino. O rapaz parece preocupado, abaixa a cabeça e coloca algo na boca, sem que ninguém o perceba. Então, começa a estremecer o corpo, e a espumar pela boca.

Os passageiros gritam desesperados para o condutor parar, pois tem alguém passando mal.

Parando o veículo às margens do capinzal, seco pela falta de chuvas, procura saber o condutor o ocorrido. Alguns passageiros seguram o rapaz, que parece meio bobo. Perguntado o que se passava, ele informa:

- É que fui mordido de cachorro doido tem pouco tempo, e agora estou assim, num sei o que se passou.

O condutor e os outros passageiros apavorados deixaram o rapaz deitado ao chão, procurando manter a maior distância do mesmo, e falavam entre si:

- Vixe Maria! Cachorro doido? Cruz credo é capaz de atacar a gente até chegar à cidade.

Outro dizia:

- Valei-me meu padim ciço, eu tava sentado perto do rapaz. Cruz credo ave Maria.

O condutor, aperreado com o acontecido, falou para o rapaz:

- Filho, fique aqui mesmo, num carece de fazer o pagamento da passagem. Espero que se ajeite em algum canto e melhore.

O rapaz agradeceu e ficou ali mesmo, sentado ao chão, com a pequena mala contendo seus pertences. Ao ver que o “pau de arara” estava se distanciando, se levantou, limpou a poeira das vestes, pôs o chapéu na cabeça, limpou a boca com um velho lenço encardido, e terminou sua viagem a pé.

Seu mal súbito, era apenas um pequeno pedaço de sabão, que colocara na boca, fingindo-se atacado pela doença do cachorro doido. Era mais uma estratégia de quem não tinha dinheiro para pagar a passagem.

Chegando à cidade, procurou abrigo numa pensãozinha, local para ficar, avisando que estava em busca de emprego, para poder se instalar na cidade. Era já ao entardecer, ele acomodou-se em um dos quartos da pensão, lavou-se na água que estava em uma moringa.

Havia uma bacia para lavar o rosto e as mãos, uma pequena e surrada toalha. Vestiu uma calça velha branca e amarrotada, de linho, uma camisa de mangas curtas, seu velho chapéu de couro, e foi para a sala, onde os pensionistas faziam as refeições. A refeição servida era um ensopado de carne seca com girimum, arroz branco e fava.

Terminando o primeiro prato, serviu-se mais uma vez. Sentia-se satisfeito, mas como não tinha dinheiro para pagar, não pensou duas vezes. Usou de uma estratégia parecida com o “pau de arara”. Enfiou devagarinho a mão no bolso da calça, sem que ninguém percebesse colocou dentro do prato de ensopado, alguns fios de cabelo. Fazendo-se de surpreso, chamou a dona da pensão e mostrou o prato de ensopado, agora com cabelos dentro. A senhora, aflita falou: